

Trilha | transurbância Salvador cappo linea-passarela

Cacá Fonseca, Clara Pignaton, Gabriel Schvarsberg e Francesco Careri*

CONTRAPONTO

PREÂMBULO: O PLANO

Fwd: Salvador

queridos, parece que ele chega na terça a tarde e vai pro rio na quinta 20hs.
pediu que transferissemos a entrevista para quinta de manhã

e na quarta ele tb tá aberto, se tiver alguma atividade no laboratorio ou uma cerveja com chico.
então, quinta de manhã?? talvez pedro consiga participar!
guardo noticias
bjos

----- Forwarded message -----

From: **francesco careri** <careri.francesco@gmail.com>
Date: 2011/9/17
Subject: Re: Salvador
To: clara pignaton <clarapignaton@gmail.com>

Cara Clara
ti stavo giusto per scrivere io
e ti propongo di darci del tu
grazie per la proposta, mi sembra fantastica
io sarò a salvador da martedì pomeriggio
e devo prendere l'aereo per rio giovedì sera alle 8
quindi direi che se fosse possibile farei piuttosto giovedì mattina
così abbiamo un po di tempo in più

per altro anche nei giorni prima sarebbe possibile fare qualcosa
se ci sono vostre attività interessanti al laboratorio
o prendersi una birra la sera con xico
dimmi tu
ciao Francesco

Il giorno 17 settembre 2011 22:38, clara pignaton <clarapignaton@gmail.com> ha scritto:

Caro Francesco,

La scrivo per combinare nostro incontro qua a Salvador. Io, Gabriel e Cacá, tutti membri del Laboratorio Urbano, pensiamo di trovarla all'hotel, il giovedì 22, alle 14hs (dopo pranzo). Como la sembra? Sarà la giornata mondiale senza auto, una bella scusa per camminare per a città. Nostra proposta è una entrevista itinerante per questa occasione.

Saluti,
Clara Pignaton

Cacá Fonseca <caca.fonseca@gmail.com>
Para: gabriel, clara, Pedro

ok pessoal, então quinta pela manhã.
bjao

Gabriel Schvarsberg <gabrielsberg@gmail.com>

Para: mim, clara, Pedro
por mim pode ser quinta de manhã também. e nosso encontro previo? fica pra terça a noite mesmo? vamos tentar pensar algo pra quarta também, se nossos horários colaborarem, o que acham, pra tentar aproveitar a passagem do cara?

ah, gostei de ver o italiano de P! =)

beijos

* A proposta era uma entrevista itinerante com Francesco Careri, coordenador do LAC/ Roma Tre. Ele era o estrangeiro, nós os locais. O percurso, ainda que indefinido, aconteceria no centro de Salvador, local onde nossas pesquisas convergiam. Pensamos em atravessar ruas velhas, repletas de casarões em ruínas. Desbravar os vazios do Centro.

* * Obs.: o texto das próximas páginas assume os erros e ruídos das dificuldades de tradução entre os idiomas falados, muitas vezes interpolados, pelos protagonistas da narrativa. Algo entre o Português, o Italiano, o Espanhol e o Inglês.

DESVIO DO PLANO

ENCONTRO NO CAFÉ PRÓXIMO AO HOTEL

ELE COMENTOU UM INTERESSE A PARTIR DE UMA VISÃO DESDE O AVIÃO. UMA ÁREA DA CIDADE COM OCUPAÇÕES NAS CUMEADAS E VALES VERDES DESOCUPADOS. QUERIA SABER ONDE FICAVA NO MAPA. TINHA CURIOSIDADE DE SABER SE OS MORADORES UTILIZAVAM OS VALES, CRIAVAM TRILHAS E CORTA-CAMINHOS PARA CHEGAR DO OUTRO LADO. PARECIA SER O MIOLO DE SALVADOR. ELE NOS SUGERIU IR PARA LÁ, TENTAR CHEGAR NESSES VAZIOS...



Cacá: Vamos se aventurar então nessa história de pegar um ônibus...

Francesco: La passarela? De Lelé? Me gostaria de... atravessar.

Clara: A gente pode ir pra (Av.) Centenário. Porque lá passa todos os ônibus.

Francesco: Si, provavelmente una parada de bus está conectada com la passarela. Una vez que hay una passarela, hay un grupo de gente y decidimos.

Cacá: A gente vai pra onde? Pau da Lima? Saboeiro?

Clara: Humm, aqui tem o Barradão, o estádio...

Cacá: Mata Escura....Fazenda Grande...

Gabriel: Acho que o primeiro que passar...vamos combinar assim: o primeiro ônibus que passar e que a gente saiba que vai pra algum lugar aqui do meio a gente vai. E a gente decide... vamos saltar aqui!

Francesco: Va benne. Perfeto. Casualidad. . .

Francesco: ...me interesa el proceso indeterminati. Que yo no tengo una idea previa. Se pone y... deja andar. Interesante és que no hay una idea finale. Y tu, ustedes, no é fare a loro partecipare a tu projeto, mas tu participa a un projeto comune que ya existe nel quartiere, nel territorio. Tu conosco a partecipare questo con tu competenza, comprendes? Nadie tiene la solucion en la... [Clara: en la cartola] ... no [risos]

Normalmente el arquitecto entiendes que el dibujo empieza a hacer algo que le gusta esteticamente. ... Y al final, quando el tiene el dibujo que funciona, crê que tiene la solución y que los otros tienen que comprender esta solución. Y quase nunca passa para allá, "que passa? qual é el problema? Como estas intentando de resolver?"

Gabriel: Mas ao mesmo tempo você não fala que isso já não é arquitetura, não é? Pelo contrário, você fala que isso também pode ser arquitetura.

Francesco: Si, si

1º ÔNIBUS > SIMÕES FILHO



Cacá: Simões Filho não é Salvador. É região metropolitana.

Francesco: Sim andiamos. Vamos...

Gabriel: Não é o miolo.

Cacá: Já ouvi falar de Simões Filhos por causa dos ciganos que vivem lá.

Francesco: Pero... eu trabalho com cigano há 5 anos. Todo o trabalho com ciganos... [Francesco fala algo em Italiano]

[MOMENTO DE DESESTABILIZAÇÃO DO PLANO]

VIRADA DO JOGO: ERA UMA ÁREA DESCONHECIDA DA CIDADE POR NÓS. COM ISSO, NOS TORNAMOS TAMBÉM ESTRANGEIROS. NOSSAS POSIÇÕES SE IGUALARAM. TOPAMOS.



Clara: Acho que isso é um pouco das nossas pesquisas aqui em Salvador. Como provamos de capir com a forma de organização, os saberes desses lugares...

Francesco: Si, marginal. [...] Creio que en America Latina questa forma de transformacione, de laborale com el informale esta muito adelante que nosotros.

Clara: Uma pergunta que eu tenho, tu hay dito que el motivo pelo que vai al quartiere, al território, no per dire uno modo de fare, ma per imparare com el loro. Allora que mute volte a uno coletivo, uno projeto comune. Porque me parece que esta construccion del comum que és el mas difícil. É eso que acá me sembra...

Cacá: Você falou muito italiano clara, não entendi... [risos]

Clara: Eu falei que aqui uma dificuldade é a construção desse comum, desse sentido de pertencimento, de fazer junto. Então a transformação dessas realidades que são mais complexas, será que elas precisam passar por uma construção desse coletivo?

Cacá: Acho que no nosso contexto, esse tipo de interesse e de relação que a gente busca estabelecer com a cidade para propor um tipo de atuação nossa diferente, que tem essa conexão com a lógica própria daqueles lugares, ela geralmente passa por um conjunto de dificuldades muito grandes de aproximação desses contextos. Porque quase sempre essa aproximação também envolve um tipo de aproximação de classes sociais muito diferentes.

Então construir essa aproximação exige de nós também, como você estava falando que lá acontece, a invenção de alguns meios, ferramentas que consigam ajudar a impulsionar ou ajudar a gente a entrar nesses territórios. Porque a circulação, o nomadismo aqui, ainda que pareça uma coisa muito intensa, pressupõe essas fronteiras.

Clara: E aí gente? Vamos?



Clara: [TRADUÇÃO] Ele falou que pode ir no domingo ou na segunda. A gente pode ir lá também, vamos perguntar quanto tempo até Simões Filho. Deixa eu ir lá perguntar...

Gabriel: Então vamos parar na primeira passarela.



Cacá: Sabe o nome desse bairro, Clara?

Clara: Não sei. Vamos perguntar aqui nessa barruquinha pra pelo menos saber onde a gente tá.

Clara: Boa tarde, qual o nome desse bairro?

Vendedora da passarela: Cosme de Farias.

Clara: Tem perigo a gente entrar, aí?

Vendedora da passarela: Não tem ninguém pra pedir informação, né não? [falando com o rapaz que ajudava na barraca] Você vai pra onde?

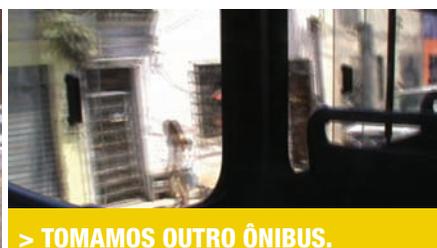
Clara: Não, a gente está andando.

Vendedora da passarela: Dá pra subir sim.

Clara: Mas fala um lugar pra gente poder perguntar?



Ao fundo do vale corre um rio com aspecto de esgoto. Atravessamos por uma ponte curta e seguimos por uma rua paralela ao seu curso. Nos sentimos mais estrangeiros pelos olhares desconfiados. Perguntamos pelo ponto de ônibus. Caminhando pelo vale alcançamos outro fim de linha, mas decidimos continuar caminhando e seguir por uma ladeira que nos levou a uma rua movimentada. Os portões abertos de um condomínio nos permitiram acessar a vista do vale que acabamos de atravessar.



> TOMAMOS OUTRO ÔNIBUS.

Gabriel: Você considera isso que estamos fazendo uma transurbância? Ou a transurbância é só mais associada aos espaços vazios? Porque a gente tá numa área muito ocupada, muito urbana.

Francesco: Yo considero esto una transurbância. Bueno, vazio é algo conceptual, não só matérico, físico. És un vazio mental, algo que está cancelado, erased in our mental map. Em inglês [risos]. Em italiano ,você traduz?

Clara: A gente não vai colocar no you tube.

Francesco: Si, por favor. [risos]

Francesco: Si, és una pura transurbância. Uma amnésia urbana. Pero, para mi, para ustedes, esta não é uma amnésia urbana porque sabes que lo existe, pero en el mapa no está dibujado e la gente não viene naturalmente. Entonces, la transurbância é forçar a si mesmo a entrar em espaço desconhecido, que é vazio en tu mapa mental.

Gabriel: Mas será que a gente também não conseguiria entrar num estado de transurbância, tentar se perder mesmo em espaços que a gente conhece mais ou menos?



Vendedora da passarela: Porque a gente tá vendo que você não é daqui, é muito cheirosa, se eu subisse com você ia ser limpeza. Você sobe e vai chegar assim num largo. Fique ligada nos guardas, nas senhoras, tem muitas senhoras. Não peça informação aos homens sem camisa, esses que ficam na porta de bar bebendo.

SUBIMOS A LONGA LADEIRA. UMA RUA MOVIMENTADA NA CUMEADA DO MORRO NOS LEVOU AO LARGO.

HAVIAM VÁRIOS BECOS QUE LEVAVAM A UM VALE. ALGUNS SENHORES EM UM BOTECO NOS INDICARAM O CAMINHO MAIS SEGURO PARA DESCER.

> FIM DE LINHA DE COSME DE FARIAS



Clara: A gente já tem um mapa construído e simbólico...

Gabriel: Isso, e talvez a partir de um se deixar perder ou se deixar levar por um...

Francesco: No te sigo, no entendo.

Clara: [tradução em Italiano] e o que mais você falou?

Gabriel: Por exemplo tentar acompanhar uma pessoa muito diferente de você, um outro, uma alteridade, por exemplo, um catador de lixo? a garbage collector? Não, mas não é o termo...

Clara: [tradução em Italiano]

Francesco: AHH, si...

Gabriel: Deixando uma pessoa muito diferente de você, e que estabelece um território, deixando ela te guiar, por exemplo.

Francesco: si, si. Hay muitas formas de hacer una transurbância, seguir una persona, perder-se, pegar um bus aqui e atravessar una passarela... vários meios, no hay una maneira. É solo sentimento de descoberta que está provando. No tienes si ya lo conoces, no es una transurbância.

Francesco: Ali son conjuntos populares, no? Me gustaria mucho conocer...

INTERRUPÇÃO DO TRAJETO DE ÔNIBUS > AREA VERDE ENTRE FISSURAS. SALTAMOS.



Gabriel: Acho que não tem saída, mas chega num...

Clara: Scendíamos?

Francesco: Se pode? Scendíamos?

Clara: Essa dali é rua?

Homem na varanda da casa do beco: É, aí roda, sai num campo lá atrás, não sei se tá aberto o portão.... se não tiver, você tem que pedir o pessoal pra entrar.



Cacá: Oi, tudo bem? A gente queria conhecer o campinho de futebol. Tem como chegar por aqui?

Senhora da casa do subsolo do beco: Por aqui não desce não. De vez em quando aparece teiú aqui...

Francesco: Por que no puede? Tiene paúra del teiú?

Clara: Não, não, é que por aqui não vai mesmo.

Gabriel: Que que é o teiú?

Senhora da casa do subsolo do beco: A gente fez uma foto dele, mas não da pra ver muito não.

Gabriel: É um lagarto?

Francesco: Porque ela saiu, no le gusta que filme?

Clara: Não, ela foi pegar uma fotografia de la iguana.



Clara: ela tem um vídeo, olha lá...

Francesco: Como se chama o vale?

Senhora da casa do subsolo do beco: Tem nome não. Essa ali na frente é a Avenida Dom João VI.

Clara: E tem quanto tempo que estão construindo os prédios, esse condomínio aí?

Filha da senhora: Tem uns 3 anos.

Cacá: É rápido né, pra chegar nesse tamanho...

Filha da senhora: Cada um são dois prédios.



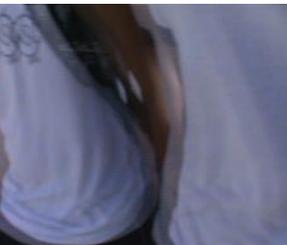
Clara: E essas casas sem telhado estão abandonadas?

Homem na varanda da casa do beco: Essa aí é de um pessoal da capoeira.

Clara: Vamos descer mais? Porque aqui chega nesse muro... vamos dar a volta então?

Francesco: Seguimos por allá, no? Andiamo...

Clara: Depois do prédio em construção.



Gabriel: A gente tá doido pra descobrir como é que a gente faz pra descer?

Cacá: Quando o pessoal vai pegar jaca desce por onde?

Senhora da casa do subsolo do beco: Desce por aqui, só ali naquele lugar ó.

Gabriel: Tem trilha?

Senhora da casa do subsolo do beco: tem muito despenhadeiro aqui em baixo. Dificilmente desce...

Clara: será que a gente tenta ir?

Francesco: És perigoso?

Senhora da casa do subsolo do beco: Não, não.

Cacá: Mas o teiú pega a gente?

Francesco: La iguana, se puede comer?

Filha da senhora: No interior o pessoal come.



Clara: E tem muito tempo que vocês moram aqui?

Filha da senhora: Fez um ano.

Gabriel: Então não foram vocês que construíram?

Filha da senhora: Não, não. A gente aluga.

Cacá: Então não tem nenhum outro lugar que chega lá embaixo?

Francesco: Posso ver?

Gabriel: Cuidado com o buraco.

SAIMOS DO BECO E ALMOÇAMOS NUM RESTAURANTE PRÓXIMO.

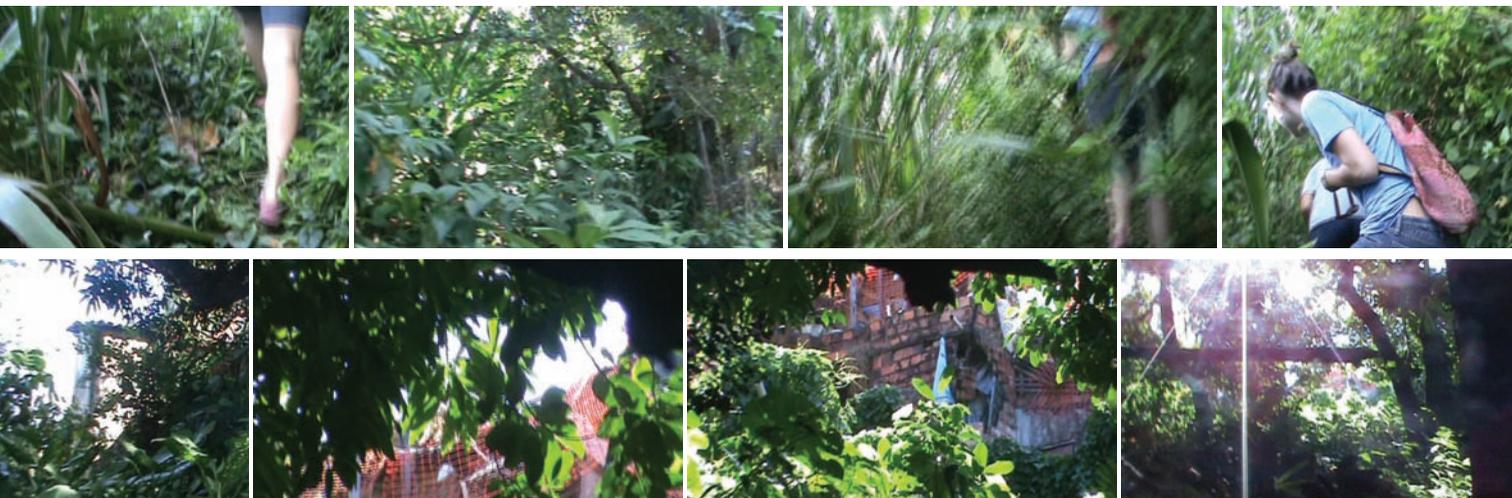
FOMOS ATÉ A RUA INDICADA PELO HOMEM DA VARANDA DO BECO. UMA RUA CURVA E EM DECLIVE, SEM SAÍDA. AO FUNDO, UM PORTÃO FECHADO NOS IMPEDIU DE CONTINUAR E ACESSAR A ÁREA VERDE. HAVIA ALGUMAS CASAS UM POUCO À FRENTE E CRIANÇAS BRINCANDO EM MEIO ÀS ÁRVORES.

UM SENHOR SE APROXIMA, DESCONFIADO.

NOS APRESENTAMOS COMO URBANISTAS. PERGUNTAMOS SE PODEMOS CONHECER O CAMPO. O SENHOR NÃO NOS PERMITE ENTRAR.

FRANCESCO DIZ QUE DEVERÍAMOS NOS APRESENTAR COMO BIÓLOGOS OU ARTISTAS. URBANISTAS GERALMENTE NÃO SÃO BEM-VINDOS.

[INTERDIÇÃO]



Francesco: vamos? Vamos andando, que les parece?

Clara: um pouco, andamos um pouco... Tem é urtiga pra caramba.

Francesco: Continuamos?

Gabriel: Já que já estamos aqui...

Cacá: Melhor do que descer.

Clara: Bonito isso. Essa vegetação rasteira.

Gabriel: Bambuzal bonito.



Cacá: Eu tô com medo desse cachorro.

Clara: Eu também, eu pensei nisso.

Gabriel: O cachorro? Ele tem cara de bravo.

Francesco: Perguntamos se pode baixar há, esses niños lo saben.

Cacá: Aquela torre ali, já é perto da faculdade. Ali então já é a Federação! Agora eu impressionei aonde a gente parou.

Agora ele parece menos agressivo [risos]

Gabriel: É, dá nada não...

SEGUIMOS OUTRO RUMO.

VOLTAMOS ATÉ A RUA PRINCIPAL, CAMINHAMOS UM POUCO E DESCEMOS POR UMA LONGA LADEIRA.

CHEGAMOS A UMA AVENIDA DE FUNDO DE VALE.

CAMINHAMOS EM SEU CANTEIRO CENTRAL. HAVIA DOIS GOLS FEITOS DE GALHOS QUE PARECIAMOS JÁ TER VISTO, NO PRIMEIRO TRAJETO DE ÔNIBUS.

DO OUTRO LADO DA PISTA, NO ALTO DE UM PEQUENO MORRO DESPONTAVAM OS CONJUNTOS HABITACIONAIS.

NÃO HAVIA NENHUM ACESSO E AS PAREDES DO MORRO ERAM COBERTAS POR UMA DENSA VEGETAÇÃO.

FRANCESCO SE APROXIMA E APONTA UMA POSSÍVEL TRILHA.



Clara: Às vezes é uma trilha pra isso, né.

Gabriel: Vestígios, ó.

Francesco: Yo creo que estamos muy cerca de las casas arriba e una vez que estamos a cá...



Clara: Vamos lá pra ver?

Francesco: Passarela...

Clara: Olha, é a (Av.) Vasco da Gama aqui já, né.

Gabriel: Olha a passarela ali de novo Francesco. Chegamos em outra passarela.

Cacá: É, ele falou a mesma coisa.

Menino morador do conjunto: Vocês já foram no Dique do Tororó?